



Música Brega, Roberto Carlos e Rock Psicodélico: a Banda Cidadão Instigado e o Hibridismo Cultural na era da Globalização¹

Murilo VIANA²

Liana AMARAL³

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE.

RESUMO

O presente artigo propõe uma análise das vertentes musicais que compõem o som da banda de rock Cidadão Instigado em seu mais recente álbum: *Uhuuu!* (2009). Tendo como base estudos em globalização e culturas contemporâneas, este trabalho busca analisar como as características do romantismo do cantor Roberto Carlos, da música brega e do experimentalismo do rock psicodélico se reatualizam, hoje, nas canções do grupo Cidadão Instigado.

PALAVRAS-CHAVE: globalização; hibridismo; música brega; Roberto Carlos; psicodelismo.

1 – Introdução

A globalização é uma realidade na sociedade contemporânea. Estamos conectados ao mundo e, em consequência, nos deparamos com as mais diferentes formas de manifestações culturais, de modo que nos é permitido desconsiderar a existência de alguma cultura pura, sem influência das diferentes culturas que a cercam.

Quando se trata de música, podemos perceber esse fato muito claramente. Observamos, hoje, grupos musicais que, influenciados pelos mais diversos estilos, produzem sons que resgatam vertentes musicais das mais diversas origens e as

¹Trabalho apresentado no Intercom Júnior do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 14 a 16 de junho de 2012.

² Estudante de graduação do 5º semestre do curso de jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC). E mail: muriloviana0@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora Doutora dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Ceará (UFC). E mail: lianaamaral@yahoo.com.



reatualizam. A banda Cidadão Instigado vem se destacando no cenário musical brasileiro e produz uma música que evidencia vários tipos de referências, oriundas dos mais diferentes estilos musicais.

Pensar todas essas possíveis influências da banda, porém, seria um trabalho demasiadamente exaustivo. Optamos por dar ênfase à análise das referências do romantismo do cantor Roberto Carlos, da chamada música brega e do rock psicodélico que emergiram nos anos 60 e do modo como elas se evidenciam, hoje, no terceiro álbum da banda, *Uhuuu!*(2009), em uma prática que se intensifica com a globalização e que, na música, resgata e funde vertentes diferentes, arrancando-as de suas origens e construindo com elas um som novo e atualizado.

2 – A globalização e o hibridismo cultural

Globalização, antes de tudo, significa integração e internacionalização. Como defende McGrew (*apud* Hall, 2006), globalização diz respeito aos processos em escala global que vão além das fronteiras nacionais que constroem novas combinações de espaço e de tempo e que tornam o mundo cada vez mais interligado.

Ao tratar do caráter conceitual de globalização, Ortiz (1994) distingue os termos “global” e “mundial”. O primeiro diz respeito aos processos tecnológicos em curso nos nossos dias, ao passo que o segundo diz respeito especificamente aos processos culturais. Amaral (2002), no entanto, prefere não fazer distinção, e é essa ótica que orienta nosso trabalho:

“Para nós, o termo globalização (...) tornou-se amplo o suficiente para conter os vários processos – econômicos, políticos, sociais e culturais – que se relacionam com a sua existência, ao mesmo tempo em que sua crescente popularização o tornou inteligível para a maioria das pessoas”(Amaral, 2002, p. 3).

Apesar de haver divergências entre os estudiosos de globalização a respeito de quando o processo teria começado, há consenso entre os principais deles de que a segunda metade do século XX foi fundamental para que o mundo se configurasse tal como é hoje. Amaral (2002) destaca, nesse contexto, a importância dos meios de comunicação como protagonistas na difusão de produtos, comumente relacionados à cultura, como livros, filmes e músicas, que são compartilhados por várias pessoas em diferentes partes do mundo, “de forma que já é possível admitirmos a existência de um



público mundial” (Amaral, 2002, p.5). Assim, a Internet parece ser o símbolo da globalização por encurtar as distâncias e promover a integração supranacional, ainda que boa parte desses avanços possa ser considerado parcial e artificial.

Contudo, a globalização não traz apenas a integração crescente e a promessa de um futuro em que as diferenças serão suprimidas: é um processo que também acentua as desigualdades e a fragmentação de ideias e culturas.

Atuando de forma diferenciada em países centrais e periféricos, interferindo com maior intensidade em Estados economicamente mais dependentes vinculando a quase totalidade de seus “instrumentos” de inclusão aquisição de produtos e serviços - pelos quais grande parte da população mundial não pode pagar – ela traz, ao mesmo tempo, apartação, desigualdades e fragmentação de vidas, culturas, de desejos e ideais. (Amaral, 2002, p.7)

A fragmentação cultural e ideológica da globalização é evidenciada por posicionamentos contrários à globalização no sentido de combatê-la em suas estratégias homogeneizadoras (Amaral, 2002). Como defende Hall (2006, p.85), o “fortalecimento das identidades locais pode ser visto na forte reação defensiva daqueles membros de grupos étnicos dominantes que se sentem ameaçados pela presença de outras culturas.”

Esse caráter fragmentado da cultura também pode ser observada na “adesão deliberada dos indivíduos a grupos, comunidades, tribos ou movimentos de caráter social, cultural ou político com os quais ele se identifica (Amaral, 2002, p.15)”, consequência da disponibilidade de vários produtos e serviços das mais variadas matrizes culturais e da facilidade e velocidade cada vez mais intensa com que as pessoas em vários lugares do mundo têm acesso a esses produtos e serviços. Dessa forma, uma pessoa pode se inserir nos mais variados grupos tendo em vista a extensa gama de opções que, hoje, lhe estão acessíveis.

Nesse contexto de intensas trocas culturais, Ortiz (1994) nos mostra a ideia de uma cultura desterritorializada, em que os “objetos transformam-se em compostos resultantes da combinação de pedaços dispersos aleatoriamente pelo planeta. Não há como definir sua origem” (Ortiz, 1994, p.109). Além do desenraizamento dos objetos culturais, é possível observar o mesmo com as referências culturais que o compõem. Como claro exemplo disso, temos a língua inglesa, que, se em um passado remoto teve algo de Inglês, hoje é uma língua mundial que não veicula a priori as qualidades de seu povo. Assim, há uma distância cada vez maior entre um determinado objeto cultural e o



contexto local e temporal em que ele foi produzido, corroborando para a formação de uma

“memória internacional popular (...). Nela, passado e futuro se fundem na familiaridade dos objetos. Os elementos que a compõem são atemporais, podendo ser reciclados a qualquer momento. Como a desterritorialização eliminou o peso das raízes, cada sinal, traço, adquire uma mobilidade que desafia a sequência temporal” (Ortiz, 1994, p.132 –133).

A ideia da perda de vínculo entre o objeto e o seu contexto de surgimento condiz com o pensamento de Hall (2006) de que as identidades culturais perdem seu vínculo com tempo, lugares e histórias específicas e parecem “flutuar livremente” no mundo. Assim, o estudioso afirma que não existem nações com culturas puras. Elas são, todas, híbridas culturais, e em vez de enxergarmos uma unidade cultural nacional devemos ver que existe um discurso em que as diferentes formas de poder cultural internas são “unificadas” por meio de diferentes concepções de poder.

Canclini (2008), ao também tratar de culturas híbridas, ressalta que deixamos de ser uma sociedade difusa em milhares de comunidades rurais locais, tradicionais, homogêneas e isoladas. Hoje, estamos envolvidos em uma teia majoritariamente urbana, dinamizada por uma interação constante entre o local, o nacional e o transnacional. Assim, não se pode mais classificar determinada cultura como culta, popular, ou massiva.

“As culturas já não se agrupam em grupos fixos ou estáveis e portanto desaparece a possibilidade de ser culto conhecendo o repertório das “grandes obras”, ou ser popular porque se domina o sentido dos objetos e mensagens produzidos por uma comunidade mais ou menos fechada (uma etnia, um bairro, uma classe). Agora essas coleções (...) entrecruzam-se o tempo todo, e, ainda por cima, cada usuário pode fazer sua própria coleção. As tecnologias de reprodução permitem a cada um montar em sua casa um repertório (...) que combinam o culto com o popular (...)”(Canclini, 2008, p.304).

Diante do raciocínio que apontamos sobre as culturas globalizadas, partimos agora para a contextualização do surgimento do rock n´roll e, por consequência, a era da Jovem Guarda e da música brega no Brasil. Depois, iremos tratar do contexto da contracultura e do surgimento do psicodelismo para, então, seguirmos com a análise da música do grupo Cidadão Instigado.

3 – O Rock n´ roll, a Jovem Guarda e a Música Brega.



Segundo Brandão & Duarte (1990), o rock n' roll surgiu nos anos 50 com a fusão do chamado “rhythm and blues”, música feita por negros e para negros, e o country-and- western, música também marginalizada dos brancos rurais pobres. Ambos os estilos musicais eram explorados por pequenas gravadoras nos EUA.

“A cultura promovida pela juventude, a partir do rock n’roll, seria uma forma de os jovens de classe média branca se colocarem como oprimidos em relação à sociedade estabelecida por seu país, assumindo, mesmo que inconscientemente, certos valores da cultura negra como bandeira” (Brandão & Duarte, 1990, p.20-21).

O rock dos anos 50 entrava em choque com os padrões morais da época na sociedade norte-americana e as canções traziam à tona problemas pessoais dos jovens para os quais os adultos não davam atenção. Nesse contexto, alguns jovens privilegiados da classe média norte-americana optavam pela delinquência como fruto de um vazio existencial da sociedade consumista e materialista em que viviam, embutidos de um sentimento de culpa, ainda que inconsciente, pelas desigualdades sociais e raciais dessa sociedade. Foram jovens que cresceram em meio à participação dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial e em seu prolongamento com a Guerra Fria (Brandão & Duarte, 1990).

Ainda que com uma base negra, o rock n' roll, ou apenas rock, começaria a ser apropriado por grandes gravadoras e vendida para o público branco em meados dos anos 50. Assim, surgiu o primeiro grande sucesso do rock em 1955: *Rock Around the Clock*, sucesso do cantor-guitarrista Bill Haley (and his Comets). Seguiu-se a Haley um fenômeno do rock ainda maior: Elvis Presley. No Brasil, segundo Severiano (2009), ainda em 1955, o rock chegou por meio do filme *Sementes da violência (The Blackboard Jungle)*, que tratava de arruaças comandadas por um grupo de estudantes delinquentes.

O estilo de música ganhou força no País no contexto da Jovem Guarda⁴, sendo trabalhado em canções de cantores como Roberto Carlos e Erasmo Carlos. A parceria musical entre ambos se iniciou com o primeiro trabalho de Erasmo gravado por Roberto Carlos, a versão de *Splish Splash* (de Bobby Darin e Jean Murray) A partir de 1964, a ascensão de Roberto Carlos se deu com sucessos como *É proibido fumar* (de Roberto e

⁴ Expressão que se refere a um programa de televisão exibido na Rede Record entre os anos 1965 e 1968, apresentado por Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléa.



Erasmus Carlos) e *O calhambeque* (*Road Hog*, de Gwen e Loudermilk, versão de Erasmo) (Severiano, 2009).

O movimento da Jovem Guarda teve seu auge em 1966 e foi caracterizado pelo ritmo musical do iê-iê-iê, “subgênero inspirado no rock do grupo de rock britânico The Beatles, temperado por uma mistura com certas formas da canção brasileira – inclusive a bossa nova⁵ – da qual adotou o coloquialismo e que cultivava letras de um romantismo ingênuo, com salpicos de rebeldia.” (Severiano, 2009, p. 399). Como exemplo, temos as canções *Namoradinha de um amigo meu* (de Roberto Carlos), *Nossa canção* (de Luís Ayrão) e *Negro gato* (de Getúlio Cortês).

Segundo Severiano (2009), com o progressivo fim da Jovem Guarda em 1968, por “esgotamento da fórmula” do iê-iê-iê, Roberto Carlos dedicou-se a produções musicais mais românticas, voltadas para público adulto de classe média. Assim, surgiram, em parceria com Erasmo Carlos, canções como *Amada amante*, *Amante à moda antiga* e *Detalhes*, cuja letra ilustra a nova fase de Roberto: “Não adianta nem tentar me esquecer. Durante muito tempo em sua vida eu vou viver. Detalhes tão pequenos de nós dois são coisas muito grandes para esquecer e a toda hora vão estar presentes, você vai ver.”

A Jovem Guarda, apesar de ter existido entre o curto período entre 1965 e 1968, influenciou vários músicos que surgiram posteriormente na cena brasileira. A música popular romântica, ou música brega, herdou o romantismo da Jovem Guarda e nomes como Paulo Sérgio, Odair José, Evaldo Braga, Agnaldo Timóteo continuaram o estilo por meio de baladas “cafonas”.

Segundo Araújo (2005), a palavra “cafona”, que hoje se confunde com a expressão “brega” foi divulgada pelo jornalista e compositor Carlos Imperial e se refere, de acordo com a Enciclopédia da Música Brasileira, à música mais banal, óbvia e sentimental possível, sem criatividade e com clichês musicais ou literários. O próprio autor, contudo, nega essa carga pejorativa atribuída ao estilo musical, pois nele

“estão registrados sonhos, angústias, tragédias, protestos, dores, amores, além da visão de mundo de amplos setores das camadas populares. E isso produzido em um período da nossa história em que os direiros constitucionais estavam suspensos e os canais da expressão da insatisfação popular bloqueados.”
(Araújo, 2005, p.17)

⁵ Movimento musical que deu seus primeiros passos com o LP *Chega de Saudade*, de João Gilberto, cuja música de mesmo título é de autoria de Vinícius de Moraes e Tom Jobim. A bossa nova oferecia músicas com melodia moderna, com acordes que fugiam à harmonia tradicional, e letras alegres e intimistas.



Os artistas tanto da Jovem Guarda como da música brega seriam uma aposta da indústria fonográfica no período em que a Ditadura Militar no Brasil perseguiu fortemente seus opositores, chegando ao extremo com o Ato Institucional N° 5 (AI-5) em 1968. Assim, os cantores pertencentes aos dois estilos foram acusados de alienados pelos críticos e artistas mais engajados da época. (Oliveira, 2008).

Ainda tratando dos diálogos entre as duas vertentes musicais, é possível perceber que artistas que, mais tarde, se consolidariam na música brega surgiram no impulso da Jovem Guarda. O cantor Agnaldo Timóteo em 1967 recebeu de presente de Roberto Carlos, a canção *Meu Grito*, que o ajudou a ganhar sucesso nacional, e o cantor Reginaldo Rossi, antes de se autointitular Rei do Brega, participou de programas da Jovem Guarda com o grupo The Silver Jets. (Oliveira, 2008).

4 – A Contracultura e o Psicodelismo

Em meados dos anos 60, a violência racial e a Guerra do Vietnã agitavam a sociedade norte-americana que, naquele momento, se encontrava permeada por valores racistas, moralistas, consumistas e tecnocratas. Nos EUA, a tecnocracia, sociedade gerenciada por especialistas técnicos e modelos científicos, atingia seu auge e obrigava os jovens a se adaptarem a uma realidade racional, mecânica e sem qualquer impulso criativo. (Brandão & Duarte, 1990).

Para contestar o conjunto de valores então em voga, surgiram os chamados movimentos de contracultura, que iriam por em xeque a “visão de mundo racional e bitolante que prevalecia na sociedade ocidental contemporânea. (...) Afinal, capitalistas e comunistas (...) viam o mundo como uma coisa objetiva, que deveria ser controlada a partir de modelos ideológicos preestabelecidos.” (Brandão & Duarte, 1990, p.50). É nesse contexto que se insere a utopia do movimento hippie de construir um mundo baseado na paz e no amor do presente ou de um futuro muito próximo. Para eles,

“‘cair fora’ dessa camisa-de-força ocidental significava ganhar um outro lugar, fugindo, então, simultaneamente, ao cerco do espaço físico, institucional e lógico deste mundo ocidental, é por aí que se pode entender melhor os três grandes eixos de movimentação que marcavam sua rebelião – da cidade, a retirada para o campo; da família para a vida em comunidade; e do racionalismo cientificista para os mistérios e descobertas do misticismo e do psicodelismo das drogas” (Pereira, 1992, p. 82).



Para Maciel (*apud* Pereira, 1992), o termo psicodelismo se refere ao movimento social e político nascido da descoberta de produtos químicos alucinógenos, dos quais o LSD (ácido lisérgico) é o mais conhecido. Na música, o psicodelismo surgiu como estilo diferenciado do rock na década de 60, e buscou, “através da criação de espaços musicais amplos e abstratos, e do emprego de estranhas sonoridades, reproduzir os aspectos auditivos, os climas e sugestões emocionais da experiência psicodélica com as drogas” (Brandão & Duarte, 1990, p. 52). Divulgando o LSD e seus benefícios terapêuticos, bandas como The Doors, Jefferson Airplane e Grateful Day inspiraram seu som na experiência libertadora da droga.

Na Inglaterra, foi notável a influência do psicodelismo no LP (Long Player) *Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band*, do grupo de rock The Beatles. No álbum, é possível perceber vários estilos musicais e ruídos sonoros, como o badalar de sinos e palmas e barulhos de plateia. O psicodelismo também é bastante evidente na letra da faixa *Lucy in the Sky with Diamonds*: “Imagine-se em um barco, sobre um rio, com árvores de tangerina e céus de geléia. (...) Olhe para a garota com o sol em seus olhos, e ela está partindo, Lucy no céu com diamantes.” (Brandão & Duarte, 1990, p.53).

A vertente psicodélica ainda influenciou outros grupos de rock na Inglaterra, como o Pink Floyd. O primeiro LP da banda, intitulado *The Piper at the Gates of Dawn* (1967), é carregado de ruídos e efeitos sonoros e é, segundo Brandão & Duarte (1990), tão revolucionário quanto o álbum psicodélico dos Beatles.

5 – O Híbridismo Cultural na Banda Cidadão Instigado

5.1 – A Banda

A Cidadão Instigado é uma banda de rock criada no ano de 1994 em Fortaleza, capital do Ceará, pelo músico Fernando Catatau. Lançou, no entanto, seu primeiro álbum apenas em 2002, intitulado *O Ciclo de Dê.cadência*.

Em 2005, a banda lançou seu segundo álbum, *Cidadão Instigado e o Método Túfo de Experiências*, e no mesmo ano Fernando Catatau, compositor, vocalista e guitarrista da banda, foi considerado pela Associação dos Críticos de Arte de São Paulo o melhor compositor brasileiro de 2005. A banda lançou seu terceiro álbum em 2009 com patrocínio da Fundação Nacional de Artes (Funarte), intitulado *Uhuuu!*, sendo eleito “melhor show de 2009” pelo *Guia Folha de São Paulo* e o segundo melhor álbum do ano pela revista *Rolling Stone*.



Fernando Catatau vem ganhando destaque na cena musical nacional não só com sua banda mas pelas parcerias e produções de artistas. Em seu currículo tem parcerias com vários artistas como Vanessa da Matta, Otto, Zeca Baleiro, Chico César, Nação Zumbi, entre outros, além de produzir discos como *Iê iê iê* (2009), de Arnaldo Antunes. Em 2009 foi eleito “O homem do ano” pelo jornal *O Globo*.

5.2 – A Fusão do Romantismo de Roberto Carlos, da “Música Brega” e do Rock Psicodélico no Álbum *Uhuuu!* (2009)

Em seu álbum mais recente intitulado *Uhuuu!* (2009) a banda Cidadão Instigado produz um som caracterizado por várias influências musicais, e, dentre elas, vamos dar ênfase às do cantor Roberto Carlos em sua fase romântica, as da música brega e as do rock psicodélico que surgiram nos anos 60. O músico Fernando Catatau, compositor da banda, afirma, para a *Revista Entrevista* (edição nº 24), que teve contato com o som da banda de rock Pink Floyd pela primeira vez aos 13 anos de idade, quando ganhou uma fita cassete com várias músicas do grupo. Na entrevista, Fernando também declara sua admiração pelo cantor Roberto Carlos.

O hibridismo de estilos musicais é facilmente identificado ao longo das 11 faixas do terceiro álbum da banda. Nas músicas ora predominam o romantismo o lirismo e a melancolia evocado pelo cantor Roberto Carlos e por artistas que se enquadram na chamada música brega, ora ganha destaque sonoridades experimentais e ruídos dos mais diversos tipos que nos remetem às sensações sonoras transmitidas pelo psicodelismo em bandas de rock dos anos 60 como The Beatles e Pink Floyd.

Na segunda faixa do disco, *Contando Estrelas*, é possível identificar o tom melancólico e romântico das baladas brega e das canções de Roberto Carlos. Na faixa, Fernando Catatau evoca forte lirismo e sofrimento por amor a outra pessoa que remetem à música popular romântica dos anos 60, o que também é claramente evidenciado na letra da música: “Olho para você enquanto passo mal. Dói algumas vezes e eu nem sei porque.”

Na terceira faixa, *Dói*, o ritmo lento do brega se faz presente, somado ao forte romantismo e caráter emotivo da letra:

“Eu tenho tentado lhe dizer
algumas coisas há bastante tempo.



Perdi as minhas forças por você
e, hoje, meu peito dói, dói, dói,
por algum motivo eu não consigo achar.
Minha alma cai, cai, cai,
de vez em quando eu sofro.
E eu continuo a me preocupar
perdido no vazio desse sentimento.
Me encontra amanhã pra gente conversar.”

Em *Como as luzes*, sexta faixa do álbum *Uhuuu!*, também há referência um pouco mais dançante à balada brega e ao romantismo de Roberto Carlos, com o timbre de voz melancólico de Fernando Catatau e o intenso lirismo e sofrimento da letra: “Te ver mais uma vez chegando, e eu guardo a minha dor. Não sei como existo longe de você”.

De um modo geral, nas três faixas é possível notar ruídos e efeitos sonoros de diversos tipos como referência ao psicodelismo dos anos 60. O rock psicodélico, contudo, é ainda mais facilmente identificado em outras faixas, como nas sonoridades exploradas nas músicas *Doido* e *Cabeção* e na letra da música *Homem Velho*.

Doido tem a participação da voz do cantor Arnaldo Antunes e na faixa se escutam falas, gritos, barulhos de sinos e objetos diversificados, além de efeitos e ruídos sonoros de guitarra e dos mais diversos tipos que são típicos do psicodelismo. A faixa *Cabeção* também trabalha com sons que muito lembram a sonoridade que se procurava transmitir a sensação do uso do LSD nos anos 60, com vozes e ruídos alternados e a mistura de ritmos mais lentos e mais rápidos de música. Além disso, a letra da música *Homem Velho*, na qual Fernando Catatau afirma homenagear o cantor Neil Young⁶ em notícia do portal G1, remete ao que a banda The Beatles fez em *Lucy in the Sky with Diamonds* e evoca a sensação terapêutica de uso do LSD : “Queria te ver sorrindo, talvez na canoa quebrada, dançando reggae numa barraca flutuante”.

O Cidadão Instigado mostra, portanto, influências de músicas de contextos diversos e constrói uma cultura desterritorializada no contexto atual da globalização, como defende Ortiz (1994). A banda, ao mostrar influências do cantor Roberto Carlos, da música brega e do rock psicodélico, extrai esses estilos musicais de suas origens e os insere na atualidade. Se o rock psicodélico representa, em sua gênese, uma forma de contestação dos padrões sociais da sociedade norte-americana dos anos 60, hoje se limita a uma forma de experimentalismo musical trabalhado pelo grupo de rock. Ao mesmo tempo, se a música brega e as canções românticas de Roberto Carlos foram uma

⁶ - Cantor canadense que trabalha os estilos musicais folk e rock.



aposta da indústria fonográfica em meio à ditadura militar no Brasil, hoje é apropriada pelo Cidadão Instigado de modo independente, sem vínculo com grandes gravadoras.

O álbum *Uhuuu!* (2009) é um claro resultado do processo de interação entre o local e o transnacional de que trata Canclini (2008) e, portanto, da constante instabilidade a que as culturas contemporâneas estão sujeitas, tornando-se híbridas e, como defende Hall (2006) “fluidas” no mundo. Fernando Catatau compõe, no Cidadão Instigado, um som híbrido, feito de acordo com seu repertório adquirido, no mundo globalizado que proporcionou sua identificação com diferentes estilos musicais. O músico constitui para a banda uma identidade formada a partir de diferentes identidades musicais, dentre as quais oscilam o romantismo da música bregue de Roberto Carlos e o experimentalismo de sons e letras do rock psicodélico.

6 – Conclusão

O Cidadão Instigado é, hoje, uma banda que evidencia a diversidade de referências que marca as produções culturais diante da integração entre o local e o global. O grupo de rock, inserido no mundo globalizado, mostra diferentes culturas na sonoridade que produz e, ao mesmo tempo, funde-as e constrói algo novo, que vai além de apenas a junção das partes. Assim, a banda expande seu alcance se universaliza, tendo a possibilidade de identificação por diferentes grupos em escala nacional e transnacional.

O álbum *Uhuuu!*, portanto, não só é resultado da fluidez, da desterritorialização e do hibridismo das culturas contemporâneas como também é agente desse processo e pode originar culturas que flutuam, que não conservam suas raízes por completo e que podem se fundir à outras no contexto da globalização.

7 - Referências Bibliográficas

AMARAL, Liana. **Notas introdutórias ao estudo da globalização**. Fortaleza, 2004.

ARAÚJO, Paulo César de. **Eu não sou cachorro não: música popular cafona e ditadura militar**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

BRANDÃO, Antônio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. **Movimentos Culturais de Juventude**. São Paulo: Editora Moderna, 1990.



BRAGATTO, Marcos. **Cidadão Verdade**. Disponível em: <<http://pdrock-sergipe.blogspot.com.br/2010/02/entrevista-com-cidadao-instigado.html>>. Acesso em: 13 abr. 2012.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CARLOS, Erasmo; CARLOS, Roberto. **Detalhes**. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/roberto-carlos/6971/>>. Acesso em: 03 maio 2012.

CATATAU, Fernando. **Contando Estrelas**. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/cidadao-instigado/1529834/>>. Acesso em: 03 maio 2012.

CATATAU, Fernando. **Dói**. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/cidadao-instigado/1529834/#selecoes/1529832/>>. Acesso em: 01 maio 2012.

CATATAU, Fernando. **Como as Luzes**. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/cidadao-instigado/1529830/>>. Acesso em: 01 maio 2012.

CATATAU, Fernando. **Homem Velho**. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/cidadao-instigado/1529826/>>. Acesso em: 01 maio 2012.

CIDADÃO INSTIGADO. **CD e show do Cidadão Instigado**. Disponível em: <<http://www.sibite.com.br/projeto/projetodetalhe.aspx?IdProjeto=139>>. Acesso em: 15 abr. 2012.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Dp&a, 2006.

PIRES, Jader. **Em “Uhuuu!”, Cidadão Instigado traz mais estranheza ao pop**. Disponível em: <<http://papodehomem.com.br/em-uhuuu-cidadao-instigado-traz-mais-estranheza-ao-pop/>>. Acesso em: 12 abr. 2012.

MATTOS, Luciano. **RESENHA DE DISCO: CIDADÃO INSTIGADO (CE) – E O MÉTODO TUFO DE EXPERIÊNCIAS**. Disponível em: <<http://www.dosol.com.br/2007/11/resenha-de-disco-cidadao-instigado-ce-e-o-metodo-tufo-de-experiencias/>>. Acesso em: 12 abr. 2012.

NOGUEIRA, Lígia. **Líder do Cidadão Instigado imaginou Neil Young dançando reggae para compor: Guitarrista Fernando Catatau fala ao G1 sobre o novo álbum, 'Uhuuu!'**. Terceiro disco da banda cearense tem participação de Arnaldo Antunes. Portal de notícias G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Musica/0,,MUL1295542-7085,00.html>>. Acesso em: 15 abr. 2012.

OLIVEIRA, Adriana Mattos de. **Jovem Guarda e Música Brega: as brechas na "indústria cultural"**. Anais Complementares do XIII Encontro de História Anpuh-Rio, 2008. Disponível em: <http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1215603474_ARQUIVO_Artigo_-_Adrianamodificado.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2012.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultural**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

PEREIRA, Carlos Alberto Messenger. **O que é Contracultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.



REVISTA ENTREVISTA. Fortaleza: Imprensa Universitária Ufc, v. 24, fev. 2011. Semestral.

SEVERIANO, Jairo. **Uma História da Música Popular Brasileira:** das origens à modernidade. São Paulo: Editora 34, 2009.